



MULHERES DE CLASSE DOMINANTE E TELENVELA DO HORÁRIO
NOBRE: LEITURA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO POR
DIFERENTES GERAÇÕES¹

GT7: Estudos de Recepção

Veneza Mayora Ronsini²

Sandra Depexe³

Filipe Bordinhão dos Santos⁴

Glaíse Bohrer Palma⁵

Tissiana Nogueira Pereira⁶

Fernanda Scherer⁷

Laura Roratto Foletto⁸

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil

Resumo

O objetivo desta análise da recepção da telenovela do horário nobre é compreender os modos de interpretação das relações de gênero por vinte e quatro mulheres de duas frações da classe dominante e de diferentes gerações. As relações de gênero foram delimitadas às questões referentes à sexualidade e aos relacionamentos amorosos, as quais são parte da construção da noção de gênero

¹ Trabalho apresentado ao GT Estudos de Recepção do XII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC).

² Professora do Depto de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisadora do CNPq. venezar@gmail.com

³ Doutoranda pelo PPGCOM da UFSM. Bolsista CAPES. sandradpx@gmail.com

⁴ Doutorando pelo PPGCOM da UFSM. Bolsista CAPES. filipebordinhao@hotmail.com

⁵ Professora do Centro Universitário Franciscano. Doutoranda pelo PPGCOM da UFSM. glaisepalma@yahoo.com.br

⁶ Mestranda pelo PPGCOM da UFSM. Bolsista CAPES. tissianapereira@yahoo.com.br

⁷ Mestranda pelo PPGCOM da UFSM. fernandascherer.pp@gmail.com

⁸ Mestranda pelo PPGCOM da UFSM. laura.roratto@gmail.com

feminino. Utilizamos a adaptação do modelo codificação/decodificação de Hall (Ronsini, 2012), mas focamos este ensaio analítico na decodificação das representações de gênero pelas receptoras. Os resultados obtidos indicam o predomínio de leituras dominantes no que diz respeito ao exercício livre da sexualidade feminina, sendo as mulheres jovens as mais conservadoras. Por outro lado, as leituras negociadas acerca das relações entre homens e mulheres perpassam todas as gerações, demonstrando uma tendência reflexiva das mulheres entrevistadas.

Palavras-chave: recepção, telenovela, modelo codificação/decodificação; gênero; classe; geração.

Introdução

O objetivo deste texto⁹ é investigar as leituras da telenovela do horário nobre por diferentes gerações da classe dominante¹⁰. Martín-Barbero e Rey afirmam que a televisão ocupa um lugar importante “nas dinâmicas da cultura cotidiana das maiorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades” (2004, p.26). No caso do melodrama televisivo, ele funciona como “recurso comunicativo” capaz de problematizar temáticas amplas em tramas pontuais, sugerindo a fusão dos domínios do público e do privado (LOPES, 2009). Os dramas pessoais passam a ser interpretados, muitas vezes, pela exploração de temas contemporâneos na ficção, os quais dão visibilidade a certos assuntos, comportamentos e problemas sociais. “Entretanto, talvez seja na trajetória das personagens femininas, assim como na das representações do amor e da sexualidade, onde se expressa de maneira mais bem acabada essa capacidade de aglutinar experiências públicas e privadas que caracteriza as

⁹ Excerto do projeto “guarda-chuva” *Aprendendo a ser mulher “de classe” com a mídia* contemplado no Edital Universal 14/2011 e Edital Universal 14/2012 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

¹⁰ Segundo Bourdieu (2007), a “classe dominante” é composta por pessoas que têm acesso aos recursos escassos e que procuram legitimar a sua cultura através do valor simbólico e do reconhecimento social, o que lhes garante a manutenção da “distinção”.

novelas” (LOPES, 2009, p.28).

A telenovela “é dos raros textos consumidos por cidadãos pertencentes às mais diversas classes sociais, um repertório privilegiado para medir diferenças” (HAMBURGUER, 2005, p.73). Percebemos, então, que este produto midiático firmou-se na sociedade brasileira, criando práticas e fazendo parte da cotidianidade dos telespectadores. Além disso, dita padrões de beleza e comportamento, formas de consumo e convivência, assim como representa a mulher brasileira.

Neste trabalho, elegemos como eixo teórico-metodológico o modelo codificação/decodificação, desenvolvido por Stuart Hall¹¹. As diferentes leituras do texto são classificadas pelo autor como dominantes, negociadas ou opositivas. A leitura dominante se refere às leituras preferenciais, “têm uma ordem institucional/política/ideológica” (HALL, 2006, p.374), é aquela em que o receptor tem a mesma leitura proposta na codificação. A outra possibilidade de leitura é aquela em que o receptor decodifica a mensagem de uma maneira globalmente contrária, ou seja, é a opositiva. A terceira leitura possível é a negociada. Esta possui uma mistura de elementos tanto de adaptação quanto de oposição ao texto codificado pelo emissor, isto é, não é nem dominante e nem opositiva. Segundo o autor, “as leituras negociadas são provavelmente o que a maioria de nós faz, na maior parte do tempo” (HALL, 2006, p.350).

Contudo, aqui, aplicamos o modelo reformulado de Hall (RONSINI, 2009, 2012)¹², recortando-o ao processo de decodificação, que nos permite tensionar o texto midiático a partir das leituras dos receptores. As leituras são, nesta adaptação do

¹¹ A magnitude da sua obra e da sua biografia foi comentada por duas pesquisadoras da Comunicação, em razão de seu recente falecimento. Ver Nilda Jacks (UFRGS) e Liv Sovik (UFRJ), respectivamente, em Zero Hora <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2014/02/aos-82-anos-morre-o-teorico-cultural-stuart-hall-4415475.html> e O Globo <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/02/22/stuart-hall-favor-da-diferenca-525304.asp>

¹² Até o momento, cinco dissertações de mestrado defendidas no PPGCOM da UFSM aplicaram o modelo reformulado de Hall: Sifuentes (2010); Silva (2011); Wottrich (2011); Missau (2012); Schnorr (2013).

encoding/decoding, cotejadas com as experiências cotidianas e subjetivas dos receptores (sociabilidade). Consideramos que o texto midiático não é um espaço somente de narrativas dominantes, mas também de narrativas negociadas e opositivas. Ao concordar com os sentidos da narrativa, os receptores também serão classificados em posições homólogas (RONSINI, 2012).

Com ênfase no processo de decodificação, confrontamos o empírico e o teórico, na confluência das questões dos relacionamentos amorosos e da sexualidade, em diferentes exemplos de telenovelas, veiculadas no horário nobre da Rede Globo - Fina Estampa (2011-2012), Avenida Brasil (2012), Salve Jorge (2012-2013) e Amor à Vida (2013-2014), a partir do relato de mulheres de classe dominante de diferentes gerações. Para isso, restringimos o exame das relações de gênero às temáticas da sexualidade e dos relacionamentos amorosos, imbricadas com os aspectos que envolvem os papéis femininos nas telenovelas.

Sociabilidade: a família como categoria teórica e empírica

Para compreender as relações de gênero, recorreremos à noção de sociabilidade, advinda da corrente dos Estudos Culturais latino-americanos e definida como mediação¹³ a partir da qual se inscreve a família, a escola e o trabalho (RONSINI, 2011). Entretanto, neste texto, abordaremos apenas os aspectos relacionados à família. A mediação sociabilidade é delimitada aos relacionamentos amorosos e à sexualidade feminina, os quais são utilizados como indicadores empíricos para análise.

Pensar a família, tendo como ponto de partida as relações de gênero, requer

¹³ De acordo com Braga (2012), o mundo é percebido através de lentes históricas e culturais, formuladas a partir de elementos advindos do meio social e, por isso, as percepções da realidade podem ser as mais diversas. Esses elementos são denominados “mediações”, que podem ser “a linguagem, a história de vida, a inserção de classe, as experiências práticas e o mundo local, o trabalho, a educação formal recebida, os campos sociais” (ibidem, p.32), ou outras, dependendo da inserção cultural do receptor. O conjunto das mediações definem as formas como os indivíduos interpretam e compreendem a realidade, bem como as formas como entendem e se apropriam das mensagens midiáticas.

considerarmos também as relações entre homens e mulheres na formação do núcleo familiar. Pateman (1993) alerta que o entendimento do patriarcado, como direito paterno, oculta a origem da família na relação entre marido e esposa. “Isso equivale a dizer que o agente social *marido* se constitui antes que a figura do pai” (SAFFIOTI, 2004, p.56, grifo da autora). O casamento assumiria, portanto, na sociedade civil, uma conjugação entre o contrato social (liberdade do homem) e o contrato sexual (sujeição da mulher). Nisso, historicamente, reside o não reconhecimento do papel e incorporação da mulher na sociedade civil (PATEMAN, 1993), em que ela se tornava “posse” de um marido, perdendo seus direitos civis ao casar. Saffioti (2004) relembra que, no Brasil, antes da promulgação da Lei 4.121 de 27 de agosto de 1962¹⁴, conhecida como Estatuto da Mulher Casada, as mulheres eram tuteladas por seus cônjuges e não poderiam exercer atividades remuneradas sem o consentimento deles, entre outras limitações.

Para Lipovetsky (1997), o espaço atual das mulheres na família avança em prol da igualdade e, ao mesmo tempo, dá continuidade a aspectos desiguais. Pelo menos até a década de 1950, tradicionalmente, o homem era responsável por prover a família e a mulher envolvia-se com as questões domésticas e os filhos. No entanto, para o autor, a maior participação feminina no mercado de trabalho, o descrédito na subordinação da mulher e no domínio masculino e a divisão das decisões importantes do cotidiano familiar, inicia uma trajetória de transformações na qual nos encontramos ainda hoje.

Porém, como antes, há um predomínio do homem na esfera profissional, enquanto a mulher exerce a sua supremacia no espaço familiar. Lipovetsky (1997), ao analisar os motivos que levam as mulheres a dar continuidade a este modelo, sugere que “para lá das lógicas de domínio de um sexo pelo outro e do peso das determinantes culturais, é preciso ver no envolvimento doméstico das mulheres um fenômeno onde se jogam uma procura de sentido, estratégias de poder e

¹⁴ Disponível em: <http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/1962/4121.htm>. Acesso em 13/03/2014.

objetivos identitários” (1997, p.251). Deste modo, aspectos do modelo tradicional familiar são mantidos por serem considerados como um modo de enriquecimento na vida emocional feminina, sendo fonte de realização para a mulher que se sente útil e significativa na vida dos filhos.

A partir deste panorama, neste trabalho, a sexualidade e os relacionamentos amorosos são indicadores teóricos e empíricos de análise para compreender as relações de gênero na família.

Sexualidade

De acordo com Nunes (1987), a sexualidade pode ser definida tanto em nível biológico-reprodutivo quanto psicossocial. No primeiro, o sexo é descrito como categoria de reprodução; no segundo, abarca as diferenças socialmente construídas acerca do masculino e do feminino, a partir das quais “o homem é educado para ser dominador, forte, altruísta, e a mulher é educada para ser submissa e contida” (ibidem, p.10). Aqui, utilizamos a abordagem que considera a sexualidade um produto histórico, cultural e social para refletir sobre as relações de gênero.

Nesse sentido, defende-se que, a partir do nascimento, investimentos discursivos são feitos para que se alcance com êxito as expectativas ideais do que é ser mulher ou homem. Articuladas, na definição dos gêneros, as instituições religiosas, judiciárias, midiáticas, médicas, entre outras, definem os fundamentos para que os corpos se masculinizem ou se feminilizem (BENTO, 2008, p.34). Assim, o gênero ganha forma através das roupas, dos gestos, dos gostos, ou seja, a partir de práticas que compõem uma norma de conduta social, historicamente baseada na heteronormatividade.

Ao imergir nas discussões acerca da sexualidade, Foucault (1984) desenvolveu a tese de que esta, “normalmente considerada como uma questão natural, particular

e íntima, é de fato totalmente construída na cultura de acordo com os objetivos políticos da classe dominante” (LAURETIS, 1994, p.220). O filósofo assegura que a sexualidade é o resultado de uma formação específica de poder, um poder que atua “não pelo direito, mas pela técnica, não pela lei, mas pela normalização, não pelo castigo, mas pelo controle, e que se exerce em níveis e formas que extravasam do Estado e de seus aparelhos” (FOUCAULT, 1988, p.86). Desse modo, o sexo, o gênero e o desejo são produtos de efeitos discursivos, de técnicas de controle e poder.

O poder regulador se consolida em todos os corpos que habitam a estrutura social, socializando e disciplinando os indivíduos para que atuem de acordo com os princípios de normalidade fabricados, os quais relacionam, por exemplo, o homem à virilidade, bem como a mulher ao amor/instinto materno.

Relacionamentos

Podemos afirmar que a cultura amorosa se constitui de uma forma diferenciada para o homem e para a mulher. Lipovetsky se utiliza da proposição de Byron para pontuar “que o amor masculino não é senão uma ocupação entre outras, ao passo que, no feminino, preenche a sua existência” (1997, p.17). Em sentido de completude, Bourdieu (2011) aponta a percepção diferente sobre o amor entre homens e mulheres, relacionando o sexo e a dominação. De acordo com esse viés, os pontos de vista distintos acontecem porque “o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de ‘posse’” (p.29-30), enquanto as mulheres experienciam a sexualidade de uma forma íntima, carregada de afetividade e idealizações.

Conforme Del Priore (2006), o culto ao amor foi trazido ao Brasil junto com os portugueses, entre os séculos XVI e XVIII. Para normalizar a organização familiar nos moldes europeus o controle da sexualidade se fez necessário: “o instinto sexual não controlado pelas regras do casamento se transformava em luxúria e

paixão nas páginas moralistas. Ou em doença grave, nas teorias médicas da época” (DEL PRIORE, 2006, p.17-18). Dessa forma, a igreja incluiu em seus dogmas a moral patriarcal, que designava somente às esposas a tarefa de ser obediente, provedora e recebedora do amor responsável por preservar a ordem familiar.

Giddens (1993) comenta que as histórias românticas podem ter contribuído para o fomento da relação do feminino com o amor. Publicadas e distribuídas em grande escala no final do século XVIII e início do XIX, nas histórias os heróis eram representados como aqueles a quem competia mandar, conquistar, realizar, enquanto que às heroínas cabia cultivar certo pudor, agradar, ser mãe e dona do lar. Assim, uma profunda desigualdade nos papéis sociais direcionava as mulheres para a conquista da satisfação em âmbito privado, enquanto aos homens permaneceu reservada a vida pública.

Somente a partir do século XX as mulheres começaram a questionar seus próprios direitos. Conforme aponta Lipovetsky (1997), a efervescência na luta feminista, a partir dos anos 1960, fomentou a percepção de que o amor era um instrumento de sujeição e de alienação feminina, pois incitava a dependência da mulher ao homem.

Contudo, ainda assim, as mulheres nunca abdicaram da busca pelo parceiro ideal e pelo amor. Atualmente, elas “conservam um elo privilegiado com o amor, elas amam o amor, elas manifestam um interesse muito mais acentuado do que os homens pelos discursos, os sonhos e os segredos relativos ao coração” (LIPOVETSKY, 1997, p.26). A diferença, hoje, é que há possibilidade de que o sexo não seja relacionado apenas ao casamento, e as mulheres podem ter mais de um parceiro antes de encontrarem o ideal.

Além disso, Giddens afirma que a sexualidade, antes classificadora das mulheres em puras ou impuras, dividida entre a de reprodução e a erótica, transformou-se

em uma propriedade do indivíduo. Para este autor, “a reivindicação do prazer sexual feminino veio a se transformar em um elemento básico da reconstituição da intimidade” (1993, p.196). Surge, então, o amor confluyente, que é ativo, contingente e entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” do amor romântico.

Ainda de acordo com este autor, nos momentos de sedução, os homens já não precisam mais desenvolver esse papel de protagonistas, porque “as mulheres tornam-se muito mais sexualmente ‘disponíveis’ aos homens do que jamais o foram” (ibidem, p.96). Entretanto, apesar das mudanças, as mulheres se aventuram em muito menos relações sexuais sem estarem apaixonadas, se comparadas aos homens (LIPOVETSKY, 1997, p.32).

Desse modo, percebemos que, em época de libertação sexual, a sexualidade feminina é controlada e reprimida, quando comparada à masculina. Outra forma de exemplificar esta afirmação é a perda da virgindade. Conforme pontua Giddens, a primeira relação sexual ainda recebe um tratamento diferente no que diz respeito aos homens e às mulheres, por que a “perda da virgindade” para um rapaz, desde os tempos imemoriais, é uma adição, um ganho. Para as garotas, a virgindade ainda é considerada como uma subtração, o acontecimento está diretamente relacionado a narrativas românticas (1993, p.61). Assim, o gênero ainda define quais devem ser os sentimentos e as posturas diante das relações sexuais.

Refletindo sobre o empírico: a análise dos dados

A análise busca discutir os pontos de vista de mulheres de classe dominante sobre as relações de gênero através do processo de decodificação da telenovela, no que se refere às temáticas da sexualidade e dos relacionamentos amorosos – namoro, casamento, divórcio e viuvez. Para isso, analisamos alguns dos dados empíricos coletados em um projeto de pesquisa em andamento, intitulado

*Aprendendo a ser mulher “de classe” com a mídia*¹⁵. Ao investigarmos as falas das mulheres idosas, maduras e jovens, identificamos que a sociabilidade “é o lugar das práticas sociais, onde as pessoas estão em constante negociação com a ordem vigente” (RONSINI, 2011, p.87-88).

A técnica de coleta de dados empregada foi a da entrevista, visto que o seu uso, segundo Vilela (2006), “supõe captar a experiência do entrevistado em seus próprios termos, aceder as significações que para ele têm os acontecimentos aos que se refere na entrevista” (p.48). Uma parte da entrevista é fechada, composta por perguntas *estruturadas*, com a intenção de garantir a objetividade nas respostas. A outra se caracteriza como semiaberta, com questões *semiestruturadas*, o que permite aprofundar os assuntos previamente definidos através de perguntas não contidas no roteiro inicial (DUARTE, 2006).

A amostra é composta por vinte e quatro mulheres, pertencentes à classe dominante, de gerações (jovens, maduras e idosas), estados civis (solteiras, casadas, separadas e viúvas) e profissões distintas, todas residentes no estado do Rio Grande do Sul. A categorização de classe da amostra foi realizada com base na ocupação, seguindo a proposta de Quadros e Antunes (2001), em que as define a partir do membro familiar melhor situado economicamente.

Desse modo, a análise está centrada no processo de decodificação do texto midiático de modo a identificar, através das falas das pesquisadas, as diversas leituras (dominantes, negociadas e opositivas) acerca da representação das relações de gênero na telenovela. A isso, articulamos os aspectos da trajetória de vida e as perspectivas das entrevistadas – a sociabilidade.

¹⁵ Projeto “guarda-chuva” contemplado nos Editais Universal 14/2011 e 14/2012 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Tabela 1: O perfil resumido das entrevistadas¹⁶

Geração	Classe alta	Classe média alta	Estado civil
Idosas (entre 65 e 79 anos)		Luiza, Cora e Telma	Casada
	Liliane		Divorciada
	Alda, Lia e Elza	Soraia	Viúva
Maduras (entre 29 e 55 anos)	Neusa, Lara e Luana.	Maria e Camila	Casada
		Ruth	Divorciada
	Roberta	Marina	Solteira
Jovens (entre 21 e 24 anos)	Isis, Gina, Natalia e Ângela	Lena, Tais, Carolina e Flávia	Solteira

Delimitamos, aqui, a observação empírica da categoria sociabilidade à ordem familiar, deixando de lado as vivências no trabalho, na escola e em outras instituições socializadoras. A ordem familiar, por sua vez, é observada quanto à transmissão de valores acerca da sexualidade e das relações amorosas.

A telenovela na vida das mulheres

Para explorar como as mulheres percebem as relações de gênero acerca de seus relacionamentos, as entrevistadas foram questionadas sobre os aspectos negativos do casamento. De modo geral, destacam a rotina, a monotonia e a falta de privacidade. Natalia (21) é solteira, mas é categórica quanto à perda de individualidade/privacidade: *“Não tem como tu se livrar nem um pouquinho da pessoa [...], tu dorme com a pessoa, tu acorda com a pessoa, tu tem que pensar o que tu vai comer com a pessoa, a vida deixa de ser só tua e passa a ser tua e de mais uma pessoa”*¹⁷. Ainda sobre este ponto, Neusa (50) comenta: *“o homem roncar, [...] e aí tu tá cansada, quer dormir, e eles querem ler jornal sempre, tipo,*

¹⁶ Os nomes das mulheres são fictícios a fim de garantir o anonimato das entrevistadas.

¹⁷ Optamos por manter, nas transcrições das falas das entrevistadas, suas formas de expressão verbal, mesmo que coloquiais ou com desvios das normas cultas da língua portuguesa.

com a luz acesa". As idosas lembram-se da falta de respeito na relação e da submissão ao marido, em especial, a dependência financeira.

Além disso, salientamos que uma entrevistada de cada geração cita a infidelidade e a falta de confiança como aspectos negativos do casamento, o que se justifica pelo fato de algumas delas já terem findado algum relacionamento por conta de um destes motivos. Há apenas uma exceção. Uma única jovem afirma que não existem pontos negativos em relação ao casamento. Gina (23) fala da união como algo positivo: *"Na minha ideia é mil maravilhas. Espera-se que eu vou casar com um homem lindo, maravilhoso, que vai me trazer alegrias e prazeres!"*.

Os pontos de vista se dividem quando elas relatam suas próprias relações amorosas. Parte das informantes assinala que as relações são boas, já outras afirmam vivenciar conflitos. Em todas as gerações os relatos apontam uma relação de muita parceria e companheirismo. Apenas uma jovem "confessa" que se envolveu menos que o parceiro em todos os seus namoros, possivelmente em virtude de manifestar preocupação em evitar o mesmo sofrimento da mãe quando se divorciou do marido: *"Eu digo que eu sou até meio carrasca às vezes. [...] eu penso 'tá comigo porque tu quer', eu não tenho que me esforçar para tu estar comigo"* (Tais, 24).

As declarações das idosas e das maduras, em geral, convergem no tocante aos problemas que enfrentam em suas relações: *"[...] ele quer controlar o meu dinheiro, que eu gasto muito, que eu não guardo, e aí eu digo 'o dinheiro é meu e eu faço com ele o que eu quero'. É meu, tu tem que cuidar do teu"* (Neusa, 50). A falta de diálogo com os parceiros é mencionada por duas idosas (Lia, 76; Luiza, 67) e outra madura (Camila, 35), que inclusive, ironiza a pergunta - *"[silêncio] Que relação? [risos]"* - e complementa que vê o marido apenas como pai dos filhos e que a falta de diálogo, seguida de discussões, ocorre há muitos anos. Outra entrevistada madura (Marina, 41) preferiu não responder a pergunta acerca da relação com o parceiro, embora tenha afirmado que rompeu um noivado de dez

anos em função da infidelidade do rapaz.

Os relatos das informantes nos esclarecem a importância das experiências individuais para a compreensão dos relacionamentos amorosos. Maduras e idosas avaliam os aspectos negativos do casamento com base nos mesmos problemas vivenciados. Chama-nos atenção que o perfil idealizado de “homem para casar” contrasta com o perfil dos parceiros que, segundo elas, se comportam de forma desrespeitosa e controladora no que diz respeito às finanças do lar e aos gastos pessoais delas. Para onze entrevistadas das diferentes gerações, o marido ideal é aquele que tem boa posição social e estabilidade financeira. Além disso, oito pesquisadas salientam a questão do respeito, outras destacam a honestidade, o carinho, o companheirismo e a figura de um bom pai. Diferente das demais, duas informantes (Liliane, 72; Lara, 55) mencionam que as mulheres procuram os homens “sem vergonha” para casar. A primeira usa o termo para fazer uma crítica aos homens sedutores que tratam a mulher como objeto para seu uso e prazer, “*depois ele joga fora*”. A segunda reforça o modelo patriarcal, considerando o termo “sem vergonha” como sinônimo de homem conquistador e com maior experiência sexual, que “ensina” a mulher que ele escolheu para casar.

A respeito da sexualidade, Flávia (23) e Neusa (50), em tom de crítica, afirmam que fazer sexo sem amor é uma forma da mulher atual igualar-se ao homem, fato com o qual elas não concordam. As mesmas mulheres acreditam que para os homens é mais fácil fazer sexo sem amor, pela própria “natureza” masculina, explicitando a distinção entre os gêneros. Apenas uma idosa se posiciona de modo diverso, afirmando que as mulheres podem considerar o sexo mais importante que o amor, “*assim como os homens*” (Liliane, 72). Aquelas perspectivas reiteram uma postura conservadora, pois consideram o biológico como decisivo para o comportamento sexual de homens e mulheres. Sobre a virgindade, destacam-se dois vieses: o conservador, típico da maioria das mulheres jovens, que a encara como algo que deve ser valorizado e preservado o maior tempo possível; e o questionador, maioria das maduras e idosas, que

consideram a perda da virgindade uma decisão da mulher.

No que se refere às cenas de sexo na telenovela, de modo geral, as mulheres entrevistadas, independente da faixa etária, as veem como exageradas e sentem desconfortáveis. A maioria das jovens e maduras e todas as idosas consideram as cenas desnecessárias, vulgares e apelativas. Algumas citam o constrangimento ao assistirem tais cenas na presença de familiares ou argumentam que são “um mau exemplo” para as crianças. Além disso, para quase todas as informantes, o sexo não deveria ser eliminado das tramas, mas poderia ser implícito. Isso indica, por um lado, decodificações dominantes acerca da exibição pública do caráter privado das relações sexuais; por outro, uma preocupação com o contexto de assistência da telenovela entre as famílias brasileiras: apesar de a faixa indicativa recomendar que é um conteúdo exibido para faixa etária a partir dos 12 ou 14 anos, as crianças frequentemente assistem à telenovela com os pais. Apenas para duas jovens (Lena, 20; Isis, 24) e uma madura (Rute, 42) as cenas devem ser assistidas “com naturalidade”, já que para elas o sexo faz parte do cotidiano, revelando um posicionamento opositivo.

Desse modo, apesar de algumas perceberem de forma positiva a liberdade sexual conquistada pela mulher, a maioria revela valores tradicionais acerca do exercício da sexualidade. As três gerações se posicionam de forma semelhante, destoando apenas nas questões referentes à virgindade, sobre as quais as jovens demonstraram uma tendência mais conservadora do que as mulheres das outras faixas etárias, o que revela diferenças geracionais sobre esse tema.

Ao se referirem ao modo como a mulher liberal aparece na telenovela, destacam-se dois vieses, o de mulher batalhadora e o de mulher com maior liberdade sexual. O primeiro, para parte das jovens, idosas e maduras, é representado nas telenovelas como aquela mulher que trabalha fora de casa, acompanha a evolução dos valores, não tem preconceito, não depende do marido financeiramente ou para tomar decisões. Para elas, ser liberal é algo positivo, pois

há quebra de regras. Este perfil é majoritariamente identificado nas personagens das classes populares. O segundo, percebido como negativo, refere-se àquelas que se envolvem em traições, aceitam a infidelidade do marido, fazem sexo com vários homens e sem compromisso, perfil citado pela maioria das jovens, bem como por uma pequena parcela das idosas e maduras.

Como exemplo de personagens liberais na trama, pertencentes à classe dominante, as mulheres de Cadinho¹⁸ (Avenida Brasil) são citadas pelas três gerações, pois aceitavam que o marido mantivesse relação com três mulheres ao mesmo tempo. Carminha¹⁹ (Avenida Brasil) também foi mencionada, tendo em vista as “fugidinhas” do seu casamento. Com base nisso, para as entrevistadas, a mulher liberal é aquela que foge do padrão tradicional, que a submete ao poder do marido – como provedor – ou que limita a sua sexualidade. Em outros termos, a mulher liberal é dona de si. Entretanto, este modelo parece ser aceito apenas parcialmente, sobretudo, refutando o exercício livre da sexualidade, o que indica uma decodificação negociada.

Já a mulher “conservadora” é definida pela maioria das entrevistadas, de todas as gerações, como aquela que se esforça em prol da manutenção da família. Para as jovens, ser conservadora é se dedicar e ser submissa ao casamento, de forma que essas sejam as suas prioridades na vida. Gina (23) define tal mulher como aquela que na vida somente “cozinha-lava-passa-reproduz”. Para exemplificar, são citadas pelas jovens as personagens Griselda²⁰ (Fina Estampa), por ser batalhadora, e Murici²¹ (Avenida Brasil), pelo esforço para manutenção e união da família. As mulheres maduras citaram Lucinda²² (Avenida Brasil) por viver uma

¹⁸ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/cadinho-alexandre-borges.html>. Acesso: 13/03/2014.

¹⁹ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/carminha-adriana-esteves.html>. Acesso: 13/03/2014.

²⁰ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/fina-estampa/personagem/griselda-da-silva-pereira.html>. Acesso: 27/02/2014.

²¹ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/muricy-eliane-giardini.html>. Acesso: 27/02/2014.

²² Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/lucinda-vera-holtz.html>. Acesso: 05/03/2014.

situação econômica difícil e, mesmo assim, conseguir dar boa educação às crianças do lixão; e Verônica²³ (Avenida Brasil), uma das esposas do Cadinho, por tentar manter o casamento apesar da infidelidade do marido. Já as entrevistadas idosas citaram Griselda, por conta do segredo que não era revelado para manter a família; Muricy, que tentava conservar a família unida ainda que sem amor; Ivana²⁴ (Avenida Brasil), que, de forma submissa, tentava conquistar o marido; Carminha, que transmitia a imagem de mulher preocupada com a família; Pilar²⁵ (Amor à Vida), que se opôs ao casamento de Paloma²⁶ com Bruno²⁷ porque ele era pobre; e Áurea²⁸ (Salve Jorge), que era preconceituosa com a nora pelo fato de ela ser da favela.

As informantes criticam a mulher voltada ao lar e preconceituosa com relação à classe (pobre x rico), que valoriza o casamento como instituição fundamental na manutenção da sociedade. Assim, percebemos componentes negociados nas suas decodificações, que se chocam com outros apontamentos caracterizados como dominantes, através dos quais as entrevistadas analisam negativamente as personagens que possuem valores mais liberais em relação à sexualidade.

Sobre a forma como a mulher é retratada na telenovela, segundo as informantes, existem vários perfis femininos nas tramas. Contudo, há alguns que se destacam. As mulheres maduras e idosas percebem a contraposição entre personagens fortes, independentes e trabalhadoras, com aquelas em que a exaltação do corpo está em primeiro lugar. Este último perfil, inclusive, é mais recorrente entre as falas das jovens pesquisadas. Desse modo, as três gerações citam a “mulher

²³ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/veronica-debora-bloch.html>. Acesso: 05/03/2014.

²⁴ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/ivana-leticia-isnard.html>. Acesso: 13/03/2014.

²⁵ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/personagem/pilar-khoury.html>. Acesso: 05/03/2014.

²⁶ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/personagem/paloma-khoury.html>. Acesso: 05/03/2014.

²⁷ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/personagem/bruno-dos-santos-graujo.html>. Acesso: 05/03/2014.

²⁸ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/salve-jorge/personagem/aurea.html>. Acesso: 27/02/2014

objeto” como o perfil de gênero feminino usualmente exposto. As jovens, no geral, exemplificam a partir de personagens de mesma faixa etária que a sua, enquanto as maduras e idosas se referem às diferentes gerações.

Dentre as personagens mencionadas, Suélen²⁹ (Avenida Brasil), pertencente ao núcleo popular, ganha destaque entre a maioria das jovens. Destas, quatro a definem como “periguete”, pois, segundo elas, apresentava comportamento vulgar, insinuando-se para os homens e com uma “liberdade sexual absurda”. Por isso, demonstram desaproveitar o comportamento sexual feminino que foge dos padrões de mulher casta, culturalmente perpetuados. Para as pesquisadas, Suélen retrata um feminino que subverte a ordem estabelecida, o que causa incômodo nas jovens, revelando certo conservadorismo nesta geração. Outra personagem bastante citada foi Carminha, como uma mulher perversa, que se envolve em “golpes” e “traições”, inclusive contra o marido. Esta pertencia à classe popular, mas ascendeu socialmente casando-se com um jogador de futebol. Em oposição às duas personagens mencionadas, Nina³⁰ (Avenida Brasil), que na telenovela fazia parte da elite, é citada algumas vezes como exemplo de mulher moderna, culta e atualizada.

Já a maior parte das entrevistadas maduras e uma parcela das idosas identificam a mulher como “objeto”, com características tidas como “vulgares”, com exaltação do corpo e associadas às cenas que exploram a sexualidade. Isso demonstra uma leitura negociada em relação à vivência plena da liberdade sexual. Deste modo, fica explícito que ainda existe um limite, balizado pelos valores tradicionais e socialmente construídos, sobre o que é correto para a postura feminina. Assim, vimos que há situações que causam estranhamento às pesquisadas, ainda que se autodefinam como “modernas”: *“há muita exploração da mulher com o sexo [...] Há muita pegação, muita coisa que mostra esse lado, o homem sempre como o*

²⁹ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/suelen-isis-valverde.html>. Acesso em: 27/02/2014.

³⁰ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagem/ninarita-debora-falabella.html>. Acesso em: 27/02/2014

predador [...]. Parece que no perfil da mulher em novela sempre falta alguma coisa pra ser igual ao homem” (Luiza, 67). Além disso, a telenovela acaba reeditando o preconceito de gênero contra as mulheres, que ainda é percebido pelas pesquisadas cotidianamente.

Por outro lado, ao lembrar da personagem Griselda, Neusa (50) ressalta que a telenovela mostra a realidade do país: “*A Griselda retrata um perfil de família muito frequente no Brasil. Eu não sei te dizer, mas tem um percentual bem importante, eu não sei se é mais de 50% das famílias brasileiras são sustentadas por mulheres*”³¹. Este cenário vem ao encontro do que as entrevistadas consideram como “mulher para casar”, visto que as respostas foram coincidentes entre as gerações, com poucas pesquisadas destoando das demais. A maioria acredita que, para os homens, a esposa ideal é conservadora, respeitável, correta, ou seja, aquela que não é “vulgar”, “vagabunda” ou “perigete” (“*a menina que anda com todo mundo, ela faz sexo por sexo, essa não é a menina que eles procuram pra casar*”, Neusa, 50). Para elas, os homens almejam uma pessoa que administrará bem o lar e que será uma boa mãe. Além disso, procuram aquelas mais independentes, decididas, fiéis e que têm alguma experiência sexual advinda de outros relacionamentos, bem como “gostosa” e “que não seja gorda”. Aspectos que reafirmam as visões de mundo conservadoras, evidentes na fala de Lara (55):

Eu sempre digo assim, para as minhas gurias: ‘quando vocês vão em um supermercado, que vocês veem uma fruta, uma verdura, aquela que está toda machucada, batida, a gente não quer trazer’. Eles podem até sair com várias, a imagem que eles escolhem, a companheira ideal, pode ter certeza que ele vai escolher aquela que é a mais correta. Ele não vai pegar qualquer uma.

³¹ Segundo os dados do Censo 2010, o número de mulheres que sustenta os lares brasileiros chega a 37,3%. Disponível em: http://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2012/SIS_2012.pdf. Acesso em: 27/02/2014.

Acerca do número de parceiros que se deve ter antes de casar, as entrevistadas de todas as gerações concordam que, atualmente, a mulher possui liberdade para ter quantas experiências desejar, a fim de comparar e encontrar o parceiro certo. Entretanto, destaca-se também o fato de a metade das jovens julgar que a liberdade conquistada pelas mulheres deve ser usufruída moderadamente para que isso não “banalize” as relações (“*a mulher não precisa andar por aí saindo com todo mundo*”, Ângela, 24). Apesar das mudanças comportamentais, inclusive sexuais, serem vistas como positivas, uma parcela das jovens condena as condutas femininas quando estas se aproximam demasiadamente das masculinas. Além disso, parte das maduras e uma idosa complementam que ter vários parceiros antes de casar não deve ser uma regra, pois é possível que a mulher tenha somente um parceiro na vida: o marido. A postura das entrevistadas é reforçada a partir das leituras feitas da telenovela, em que revelam que embora haja certa flexibilidade e maior aceitação em relação ao comportamento sexual feminino, há restrições, o que expõe uma leitura negociada quanto a uma “nova mulher” nas tramas.

A partir da crítica às personagens mencionadas, sejam elas liberais ou conservadoras, percebemos uma dualidade na decodificação das entrevistadas. Isso pode ser um indicativo de que, na sociedade contemporânea, por mais que se reconheça e valorize a liberdade feminina, para além da sexualidade, isso ocorre apenas parcialmente. Observamos que ainda há espaço para a representação de uma mulher tradicional, que se dedica à casa e aos filhos. Dessa forma, parece existir um comportamento questionador acerca das relações de gênero e uma leitura negociada sobre a telenovela, pois ora prezam pela independência da mulher, ora se apegam a valores tradicionais, como a família, o casamento, a maternidade e o amor.

Considerações finais

Compreendemos que as leituras realizadas da telenovela, assim como as vivências pessoais das entrevistadas (sociabilidade) acerca das relações de gênero, referentes à sexualidade e os relacionamentos, variam entre e nas diferentes gerações analisadas.

As idosas concebem o parceiro ideal para casar como aquele que possui estabilidade financeira e condições de prover o lar, o que contradiz com o modo negociado da leitura da telenovela, já que aprovam o modelo de mulher com independência financeira exibido.

Acerca do que as idosas pensam sobre a sexualidade, a maioria delas considera a manutenção da virgindade uma opção da mulher. Isso se reflete no modo negociado em que decodificam as representações das personagens femininas nas telenovelas, ora concordando com o comportamento sexual conservador delas ora criticando o exercício livre da sua sexualidade.

Entre as entrevistadas maduras, a mediação sociabilidade segmenta os posicionamentos sobre as relações de gênero, que oscilam entre a satisfação (companheirismo, respeito, carinho) e a insatisfação (rotina, falta de diálogo, submissão, falta de tempo para si mesmas, infidelidade masculina, etc.) nos relacionamentos amorosos. Para elas, a mulher conservadora na telenovela é aquela que tenta manter o casamento a todo custo e para isso suporta a infidelidade, a falta de respeito, a submissão ao marido e a indiferença, fatos que refletem os conflitos que algumas delas vivenciam, indicando uma leitura dominante sobre este ponto.

O mesmo ocorre quando se manifestam acerca das práticas sexuais, pois as leituras da telenovela se dividem entre dominantes e negociadas. Ao passo que percebem as personagens “liberais” (liberadas) nas telenovelas como aquelas que vivem a sexualidade de modo “livre”, que não dependem economicamente dos parceiros e têm autonomia para tomar decisões sobre a carreira e a família, são

bastante conservadoras na vida privada ao definir o ideal de esposa (bonita e atraente, competente na administração do lar, boa mãe).

Entre as entrevistadas jovens, a maioria pensa de forma semelhante às maduras e idosas quanto à falta de individualidade e privacidade nos relacionamentos, o que indica uma visão reflexiva. Apenas duas jovens apresentam pontos de vistas divergentes entre si e em relação às demais de sua geração, já que uma idealiza os relacionamentos e outra é indiferente ao amor romântico.

Em relação à sexualidade na telenovela, as jovens são as que apresentam a maioria de leituras dominantes, sendo as mais conservadoras entre toda a amostra, por criticarem as personagens de mesma faixa etária, mas de classe popular, que exercem a sua liberdade sexual, vendo-as como “mulher objeto”. Isso talvez porque valorizam a virgindade na vida da mulher e na vida delas mesmas.

A única questão em que as leituras realizadas pelas três gerações de mulheres são quase unânimes é quanto às cenas de sexo na telenovela. Das vinte e quatro entrevistadas, vinte e uma se manifestam do mesmo modo. Com exceção de duas jovens e uma madura, todas as demais entrevistadas adotam uma posição de leitura dominante: afirmam que há um excesso de cenas de sexo na telenovela e/ou que se sentem incomodadas/constrangidas, porque essas cenas deveriam ser sugeridas mais do que mostradas. Nesse sentido, as três entrevistadas que fogem do padrão dominante de leitura, adotam uma interpretação opositiva, ao se manifestarem favoráveis às cenas exibidas porque o exercício da sexualidade faz parte da vida cotidiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bento, B. (2008). *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense.
- Bourdieu, P. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre, RS: Zouk.
- Bourdieu, P. (2011). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Braga, J. L. (2012). *Circuitos versus campos sociais*. In: Janotti Junior, J., Mattos, M. Â., & Jacks, N. (org.). *Mediação e midiatização*. (pp.31-52). Salvador: EDUFBA.
- Del Priore, M. (2006). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Duarte, J. (2006). Entrevista em profundidade. In: Duarte, J., & Barros, A. (orgs.) *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. (pp.62-83). São Paulo: Atlas.
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade, vol. I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Hall, S. (2006). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.
- Hamburger, E. (2005). *O Brasil antenado: a sociedade da telenovela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Quadros, W., & Antunes, D. (out. 2001). Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa. *Cadernos do CESIT*, 30. Campinas.
- Lauretis, T. (1994). A tecnologia do gênero. In: Hollanda, H. B. de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. (pp.206-242). Rio de Janeiro: Rocco.
- Lipovetsky, G. (1997). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lopes, M. I. V de. (Ago./Dez. 2009). Telenovela como recurso comunicativo. *Matrizes*. 3 (1), 21-47.
- Martín-Barbero, J., & Rey, G. (2004). *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Ed. Senac.
- Missau, L. D. (2012) *TV OVO: A representação das identidades juvenis no audiovisual*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- Nunes, C. A. (1987). *Desenvolvendo a Sexualidade*. Campinas, SP: Papyrus.
- Pateman, C. (1993). *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ronsini, V. M., et al (2009). *Estudos de audiência e de recepção da telenovela: a juventude em cena*. In: Lopes, M. I.V. de (org.). *Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas*. São Paulo: Globo.
- Ronsini, V. M., (2011). A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: Gomes, I, & Janotti Junior, J. (orgs.). *Comunicação e Estudos Culturais*, (pp.75-97). Salvador: EDUFBA.
- Ronsini, V. M., (2012). *A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da*

telenovela no horário nobre. Porto Alegre: Sulina.

Saffioti, H.I.B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Schnorr, J. M. (2013). *Jovens rurais, corações urbanos: Jornal Nacional e as desigualdades sociais do campo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

Sifuentes, L. (2010). *Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

Silva, R. C. Da. (2011). *Feminino Velado: a recepção da telenovela por mães e filhas das classes populares*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

Vilela, R. (2006). Técnica, método e teoria. A entrevista em profundidade na investigação da recepção. In: Jacks, N.; Piedras, E. R.; & Vilela, R. *O que sabemos sobre audiências?: estudos latino-americanos*. Porto Alegre: Armazém Digital.

Wottrich, L. H. (2011). *Envelhecer com Passione: a telenovela na vida de idosas das classes populares*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.